

## O CIRCUITO DO LIVRO E A ESCOLA\*

*Maria Nilma Gois da Fonseca - SEEC-SE*

*João Wanderley Geraldi - IEL - UNICAMP*

### 1. Introdução

Desde 1981 estamos desenvolvendo um trabalho com professores de Língua Portuguesa, da rede pública do ensino de 1º grau da cidade de Aracaju. Nosso propósito, nesta comunicação, é apresentar alguns dos resultados alcançados na prática de leitura de narrativas longas (romances, novelas, peças teatrais), trazendo a debate os princípios básicos que estão norteando esta prática.

Situemos rapidamente a experiência. Nosso primeiro contato com os professores de Aracaju ocorreu em dezembro de 1980, num curso de "Prática de Leitura de Textos", ministrado a especialistas em educação (administradores, supervisores e orientadores educacionais)<sup>1</sup>. Como não poderia deixar de acontecer, neste curso as questões relativas à concepção de linguagem, à variação lingüística e à leitura se tornaram foco de atenção. A presença, entre os especialistas, de alguns professores de Língua Portuguesa levou à discussão da prática efetiva do ensino de língua na escola de 1º grau: alguns de seus problemas e possíveis soluções. Apresentado um possível caminho (Geraldi, 1981), a experiência se inicia no ano letivo de 1981, com uma turma de 5a. série do 1º grau do EPG Tobias Barreto, por iniciativa da Profa. Maria Nilma Gois da Fonseca.

Com os resultados desta primeira experiência, reunindo prática e proposta, realizou-se o primeiro curso de "Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa", em outubro de 1981, para professores da disciplina, da rede pública estadual. Em 1982 novo grupo de professores fez o mesmo curso, intensivo, com a duração de 40 horas-aula. Ao final de cada um destes cursos, os professores que desejassem participar da experiência, aplicando as sugestões propostas, observando os problemas delas decorrentes e as alterações necessárias, formaram o grupo com que estamos trabalhando: somos atualmente 31 professores, atuando em 18 escolas diferentes, com um total de 103 turmas e 3.729 alunos, de 4a. a 8a. séries, conforme tabela 1.

Os professores que fizeram o curso em 1981, iniciaram a experiência no ano letivo seguinte, com turmas de 5a. série e grande parte está atualmente com turmas de 5a. e 6a. séries. Os que fizeram o curso em 1982, estão este ano realizando

---

\* Comunicação apresentada no 4º COLE-Congresso de Leitura do Brasil- Campinas, 12 a 15 de novembro de 1983.

seu primeiro ano de experiência. Em outubro de 1983, outro grupo de professores realizou o curso e aqueles que optarem por participar do grupo, iniciarão sua experiência no próximo ano. O grupo reúne-se quinzenalmente para discussões, trocas de experiências e estudos<sup>2</sup>. Os temas destas reuniões resultam da prática de cada professor e os estudos realizados correspondem a problemas que desejam aprofundar, tanto na área específica de língua portuguesa e lingüística, quanto na área de educação. Nos dois últimos anos (82 - 83) houve uma semana de estudos com discussões sobre a experiência e aprofundamento de aspectos teóricos.

Tabela 1. Distribuição dos alunos por série, março/1983

série	nº turmas	nº alunos	média de alunos por turma
4a.	16	503	31
5a.	56	2.084	37
6a.	26	960	37
7a.	04	147	37
8a.	01	35	35
	103	3.729	36

Para participar das reuniões, dos cursos e disporem de tempo para estudos, os professores do grupo obtiveram, junto à Secretaria de Educação, redução do número de aulas ministradas, aumentando assim suas horas-atividade e melhorando as condições de trabalho. Atualmente, os professores envolvidos, com contrato de 40 horas semanais, têm uma carga docente de 25 horas semanais.

## 2. Linhas gerais da proposta

Concebendo a linguagem como um lugar de interação, onde sujeitos se constituem pelo processo de interlocução, propõe-se para o ensino da língua portuguesa atividades baseadas em três práticas interligadas: a) prática da leitura de textos; b) prática da produção de textos e c) prática da análise lingüística.

Tais práticas têm dois objetivos: tentar ultrapassar, apesar dos limites da escola, a artificialidade que se institui na sala de aula quanto ao uso da linguagem e possibilitar, pelo uso não-artificial da linguagem, o domínio da língua padrão em suas modalidades oral e escrita. Comprovar a artificialidade é mais simples do que se imagina: na escola não se produzem textos, escrevem-se redações; não se lêem textos, fazem-se exercícios de interpretação e análise de textos; não se faz análise lingüística, aplicam-se a dados análises pré-existentes. E isto tudo é simular o uso

da língua escrita, simular leituras e, por fim, simular a prática científica da análise lingüística (Geraldi, 1983), escamoteando-se até mesmo a prática intuitiva de análise da língua quando esta, na prática, é usada em sua função metalingüística.

Para ultrapassar tais simulações, é preciso que se entenda que um texto (ou discurso) não é apenas sobre alguma coisa, mas também que é produzido por alguém, para alguém (Roventa-Frumusani, 1982, p. 457). A leitura de um texto não é mera decodificação de sinais gráficos, mas a busca de significações, significações estas marcadas pelo processo de produção deste texto e também marcadas pelo processo de produção de sua leitura (cf. Orlandi, E. 1983). A análise lingüística, por seu turno, não é mera catalogação de dados sob rótulos ou mero conhecimento de uma metalinguagem, mas sim reflexão sobre o fenômeno lingüístico em suas manifestações concretas, que são os discursos.

Coerentes com a concepção de linguagem assumida, professores e alunos, nas aulas de língua portuguesa, tornam-se interlocutores que falam, escrevem, lêem e analisam fatos lingüísticos.

Em linhas gerais, esta é a perspectiva básica que orienta as atividades que estamos desenvolvendo. Os alunos estão produzindo textos, e não redações, por que não é apenas uma função "professor-escola" que os lê. Eles se destinam a livros produzidos pela turma, a jornais murais, a jornais da escola ou da turma. A análise lingüística se coloca como uma forma de re-tomada do texto produzido pelo aluno, atuando sobre possíveis problemas de compreensão que tal texto, como produzido em sua primeira versão, possa oferecer no processo de leitura. E esta, por sua vez, é entendida como um processo de interlocução entre leitor-texto/autor. E neste processo, o aluno leitor não é passivo, mas o agente que busca significações. E neste processo de leitura, de interlocução do aluno-leitor com o texto/autor, a posição do professor não é a do mediador do processo que dá ao aluno a sua leitura do texto. Tampouco, é a da testemunha, que alheia ao processo, apenas o vê realizar-se e dele pode dar testemunho. Se, em alguns momentos, o professor passa a testemunha, isto se deve ao fato de que, como sujeito, já se colocou como interlocutor de seus alunos, possibilitando as condições materiais (por exemplo, o acesso a livros) para que o processo se desencadeasse. Julgamos que o professor, na produção da leitura de seu aluno, deve ser deste um interlocutor presente, que responde-pergunta sobre questões levantadas pelo processo que se executa.

### 3. A prática de leitura

Recuperando de nossa experiência concreta de leitores possíveis processos de interlocução com textos/autores, desenvolvemos atividades de leitura de quatro 'tipos':

a) leitura-busca de informações

- b) leitura-estudo do texto
- c) leitura do texto-pretexto
- d) leitura-fruição do texto.

Acreditando, com Authier-Revuz, que "o sentido do texto não é jamais interrompido, já que ele (o sentido) se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis" (Authier-Revuz, J. 1982, p.104), julgamos que com um mesmo texto, um leitor poderá realizar os quatro 'tipos' de interlocução apontados. A multiplicidade de leituras que um mesmo texto pode ter não nos parece ser resultado do próprio texto em si, produzido em condições de produção específica, mas sim resultado dos múltiplos sentidos que se produzem nas diferentes condições de produção de leitura<sup>3</sup>. Em cada leitura, mudadas as condições de sua produção, temos novas leituras e novos sentidos por elas produzidos. Assim, ainda que o interlocutor-leitor seja o mesmo, mudados os objetivos de sua leitura, estarão alteradas as condições de produção e, portanto, o processo que se está mantendo.

#### 4. A leitura de narrativas longas

Para as atividades de leitura de narrativas (romances, novelas, peças teatrais), destinamos 1/5 das horas-aula - uma aula por semana. No início do ano letivo são adotados 40-45 títulos por turma. Tais livros ou são adquiridos ou retirados da biblioteca escolar, quando esta existe. Os alunos iniciam a leitura durante a aula, podendo levar os livros para casa. Adota-se um sistema de rodízio entre os alunos, de tal forma que cada aluno, ao terminar a sua leitura, sempre tem a possibilidade de trocar o livro por outro. A cada troca, registra-se o novo livro que o aluno pegou para ler. O único controle feito pelo professor é, pois, quantitativo.

Esta atividade de leitura se norteia pelos seguintes princípios:

##### 4.1. Respeito à caminhada do leitor

Assim como nossa história de leituras não começou com o último livro que lemos, nem por aqueles considerados "Meca" da crítica literária, consideramos essencial o respeito pelos passos e pela caminhada do aluno enquanto leitor que se faz por suas leituras como nós nos fizemos/fazemos leitores por nossas leituras. Este respeito se manifesta em duas direções: na seleção dos títulos adotados e na aceitação natural do fato de um aluno iniciar a leitura de um livro e abandoná-la. Parece-nos que a tese básica defendida por Marisa Lajolo em "O que é literatura" é de que diferentes épocas e diferentes grupos numa mesma época definiram diferentemente literatura. Daí a lição de que "só é proibido proibir", e nenhuma proibição se faz e se fez na seleção dos títulos.

Na prática, notamos que alunos iniciantes preferem ler livros de estru

tura mais simples; escolhem pelo tamanho das letras, pelo número de páginas, etc. Alguns que na 5a. série começaram a ler "Xisto no espaço" ou "Polyanna menina", estão hoje, na 7a. série, lendo "Os corumbas" ou "Sargento Getúlio". O inverso, não registamos nem testamos.

A propósito, uma passagem de Infância, de Graciliano Ramos, nos parece esclarecedora:

"Às vezes me assustavam discussões embrulhadas: rapazes silenciosos animavam-se, discorriam com exagero e ódio, religiosamente. Isso me dava tontura e enjôo. Uma idéia clara me surgia: os romances agradáveis eram bugigangas. Em troca, exibiam-se insipidez e obscuridade. Ali é que estava a beleza, especialmente na prosa de Coelho Neto.

Não me importava a beleza: queria distrair-me com aventuras, duelos, viagens, questões em que os bons triunfavam e os malvados acabavam presos ou mortos. Incapaz de revelar a preferência, resignei-me e agüentei as Baladilhas, o Romanceiro, outros aparatos elogiados, que me revolveram o estômago. Cochilei em cima deles, devolvi-os receando que me forçassem a comentá-los. Para mim eram chinfrins, mas esta opinião contrariava a experiência alheia. Julguei-me insuficiente, calei-me, engoli bocejos. Enquanto o dono da casa explanava a literatura encrencada, esforcei-me por entendê-la. Sentí medo e preguiça. Não me arriscaria a controvérsia: acovardava-me a presença da autoridade.

(...)

Feria-me às vezes, porém, uma saudade viva das personagens de folhetins: abandonava a agência, chegava-me a biblioteca de Jerônimo Barreto, regressava às leituras fáceis, revia condes e condessas, salteadores e mosqueteiros brigões, viajava com eles em diligência pelos caminhos da França. Esquecia Zola e Victor Hugo, desanuviava-me. Havia sido ingrato com os meus pobres heróis de capa e espada. Não me atrevia a exibí-los agora. Disfarçava-os cuidadoso e, fortalecido por eles, submetia-me de novo ao pesadume, ia buscar o artifício e a substância, em geral muito artifício e pouca substância." (Graciliano Ramos, Infância, p. 238-240).

#### 4.2. O enredo enreda o leitor

Nos livros que temos adotado, preferimos as narrativas longas na expectativa de que o enredo leve o aluno a ler fora da sala de aula. Não estamos com isso excluindo a leitura de narrativas curtas. Esta se faz em outras oportunidades. Também não as proibimos. A experiência tem nos mostrado, porém, que as narrativas longas se prestam mais a nossos objetivos de criação, através da escola, de um público leitor.

#### 4.3. Avaliação X controle

Uma das preocupações fundamentais manifestadas por professores ao tomarem contato com nossas propostas diz respeito à avaliação destas leituras. É muito comum ouvirmos perguntas do tipo "Como vou saber se o aluno leu o livro, se não exijo resumos, fichas de leitura, etc.?" ou "E se o aluno mentir que leu o livro?" ou ainda "Como vou avaliar a qualidade/profundidade da leitura do aluno?" e assim por diante.

Antes de mais nada, nos parece que a preocupação dos professores - e não queremos dizer que não tenham boas intenções - é muito mais de controle do aluno do que de avaliação de um processo. Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio - o prazer e o prazer de ler sem ter que apresentar à função "professor-escola" o produto deste prazer - exige que se repense a avaliação não como controle de produtos mas como re-visão do processo.

Neste sentido, nossa primeira preocupação foi "persuadir" os professores de que notas, pontos, etc. são pouco representativos e de que, na verdade, nós professores mais facilmente lemos um romance pelo romance do que pelo trabalho que temos que apresentar sobre ele. Relativizar os pontos atribuídos aos alunos, por suas atividades, foi o primeiro passo. A 'economia' com que os professores gastam os pontos de 1 a 10 em cada 'avaliação' é surpreendente. Parece que cada ponto é a "Moeda nº 1 de Tio Patinhas" e que não pode ser desperdiçada. Estamos tentando, pois, deslocar o sentido de controle embutido na avaliação, tal como ela tem sido praticada na escola, para uma avaliação menos rígida e que, nesta atividade, considere a palavra do aluno de que leu o livro como suficiente para "distribuição" de pontos, na forma que professores e alunos combinaram. O interessante é que, hoje, alunos e professores estão pouco preocupados em saber se ler dois ou três livros "vale" mais ou menos pontos na nota final.

#### 4.4. A quantidade pode gerar qualidade?

Queremos iniciar este tópico com uma citação:

"A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra escrita. Visão que urge ser superada. A mesma, ainda que encarnada desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve, quando identifica a possível qualidade de seu trabalho, ou não, com a quantidade de páginas escritas." (Freire, P. 1982, p.19)

para afastar, antes de mais nada, a memorização mecânica, problema alheio à prática que estamos relatando. Aparentemente, no entanto, poderíamos estar imbuídos de uma visão mágica da palavra escrita, dado a insistência no aspecto quantitativo com que es

tamos operando. Não nos parece ser o caso e cremos estar mais próximos, na proposta global de ensino de português que estamos desenvolvendo, das posições defendidas por Paulo Freire, especialmente da precedência da leitura do mundo sobre a leitura da palavra, isto porque na leitura de textos curtos, na produção de textos e na prática da análise lingüística, os fatos do mundo são nossos tópicos básicos. E porque acreditamos que se aprende a ler lendo. E aprende a ler não o aluno que lê no livro o que nós, professores, lemos. A liberdade com que o aluno tem abordado os livros que lê decorre do não privilégio a um único sentido do texto, mas aqueles sentidos que a experiência de mundo, de cada leitor, atribui ao livro que lê na produção de sua leitura.

A qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende de seus mergulhos anteriores, mergulhos estes não são nas obras que leu, mas também na leitura que faz de sua vida. Parece-nos que deveremos - enquanto professores - propiciar um maior número de leituras ainda que a interlocução (adentramento) que nosso aluno faça hoje com o texto esteja aquém das possibilidades que o texto possa oferecer. Isto porque o mergulho/adentramento é cada vez mais profundo quanto mais soubermos mergulhar. É neste sentido, aliás, que entendemos a expressão "adentramento" na passagem citada: o mergulho feito pelo aluno em seu diálogo com o texto/autor, e não o mergulho que nós, professores, fizemos pelo aluno.

Não cremos que haja leitura qualitativa no leitor de um livro só. Escolhemos um caminho que, respeitando os passos do aluno, permita que a quantidade gere qualidade, não pela mera quantidade de livros lidos, mas pela experiência de liberdade de ler utilizando-se de sua vivência para a compreensão do que lê.

## 5. Enfim, alguns resultados

Antes de apresentarmos dados numéricos, queremos dizer que não os consideramos como suficientes para a exclusão de outras propostas de leitura. Apenas julgamos que tais dados são reveladores de uma prática - que se vem fazendo-aprendendo e que merece uma análise mais global, em relação aos outros dois tópicos (prática de produção de textos e prática de análise lingüística). Cremos ainda que, sendo reveladores de uma prática, tais dados podem ajudar a ajuizar os princípios que a nortearam, pois "não é o discurso que ajuíza a prática, mas a prática que ajuíza o discurso" (Freire, P. 1982, p.29).

Estamos atualmente (set/83) trabalhando com aproximadamente 180 diferentes títulos<sup>4</sup>, com mais de 4.000 volumes, uma biblioteca já razoável, considerando as escolas típicas brasileiras. Uma biblioteca que não se situa num espaço físico específico, porque seu acervo está nas mãos dos alunos e as eles pertence. Em termos de recursos, o trabalho não demandou despesas extraordinárias: a aquisição dos livros custou menos do que a compra do tradicional livro didático, material desnecessário no desenvolvimento de nossas atividades. A forma de aquisição dos livros variou de escola a escola: os pais forneceram os recursos; campanhas entre alunos e professores e,

em menor escala, a própria Secretaria de Educação forneceu recursos para a aquisição dos livros, que passaram, neste caso, a constituir a biblioteca da escola (biblioteca antes inexistente ou lugar para "pôr aluno de castigo").

Não conseguimos obter os dados das 103 turmas envolvidas<sup>5</sup>. Na tabela 2, registramos, em termos quantitativos, o número de livros lidos pelos alunos.

A nosso juízo os dados mostram um alto índice de leitura. Considerando-se a complexidade do processo de leitura, não se pode contrapor um aluno que leu 5 livros a um aluno que leu 18. Apesar desta dificuldade e levando-se em conta que se trata de alunos de escolas da rede pública, residentes, em sua quase totalidade, em bairros periféricos de Aracaju, pode-se concluir, ao menos no que tange ao aspecto quantitativo, que a escola pode interferir, seguindo as linhas aqui esboçadas, no nível de leitura de seus alunos.

Se tais dados apontam para a confirmação dos princípios básicos adotados pelos professores no desenvolvimento da atividade de leitura de narrativas longas, também ultrapassam as nossas expectativas. A que atribuir o alto índice de leitura alcançado?

Observações assistemáticas feitas pelos professores mostram que os alunos organizam "listas de espera" para ler certos livros. Os resultados obtidos e estas observações nos fazem crer que além da atitude do professor na condução desta prática (princípios 4.1 a 4.4), o fato de os livros circularem entre os alunos cria no microcosmo da sala de aula "o circuito do livro", circuito que passa por relações de vários tipos que mantemos com diferentes pessoas. No caso, os próprios colegas são os informantes que levam a ler os livros que eles já leram, indicando-os, como nós, adultos, lemos um romance porque um amigo nos falou dele ou porque lemos uma resenha numa revista (dependendo de quem assinou a resenha...). Talvez não sejamos nós, professores, o melhor informante para nossos alunos. Uma vez desencadeado o processo, os próprios alunos se encarregam de estabelecer o circuito do livro na sala de aula e na escola.

Tabela 2. Quantidade de livros lidos por alunos, mar/set. 1983

Quantidade de livros lidos	Número de alunos					TOTAL
	4a.série	5a.série	6a.série	7a.série	8a.série	
1-2	2	59	7	-	-	68
3-4	24	136	44	-	-	204
5-6	47	186	78	-	-	311
7-8	53	259	105	3	-	420
9-10	53	256	119	4	4	436
11-12	40	195	79	15	3	332
13-14	39	143	57	11	6	256
15-16	30	136	38	6	4	214
17-18	18	102	20	1	2	143
19-20	6	91	22	1	4	124
21-22	2	28	7	-	2	39
23-24	8	22	12	1	-	43
25-26	2	21	7	-	-	30
27-28	1	13	5	-	-	19
29-30	-	14	3	-	-	17
mais de 30	-	8	-	-	-	8
	325	1.669	603	42	25*	2.664

\* A diferença entre o número total de alunos, 8a.série, tabela 1 e 2, deve-se à diferença do período: a tabela 1 refere-se a dados de matrícula e a tabela 2 a alunos que estavam frequentando as aulas em setembro/83.

NOTAS:

1. Dos cursos de "Prática de leitura de textos" (1980) e "Metodologia do Ensino de Línguas Portuguesa" (1982) também participou, como professor, o colega Sírio Possenti, do IEL-UNICAMP.
2. Destas reuniões têm participado também professores da COTEP/SEEC e em 1982, como assessor, o Prof. Antônio Ponciano Bezerra, da UFSe.
3. Sobre o fato de que a leitura é produzida e sobre as condições de produção da leitura, ver ORLANDI, E. 1983, p.20-25.
4. Em anexo, fazemos uma listagem das obras que estamos utilizando. É impossível distinguir claramente quais são utilizadas em uma ou outra série, pois alunos que não

pertenciam à turma passam a integrá-la em séries mais avançadas e muitas vezes lê em os mesmos livros que estão sendo usados em séries anteriores.

5. Os dados da Tabela 2 referem-se a: 11 (das 16) turmas de 4a.série; 52 (das 56) turmas de 5a.série; 19 (das 26) turmas de 6a.série; 1 (das 4) turmas de 7a.série e da única turma de 8a.série. Comparando os dados relativos à 5a.série, Tabela 1 e 2, pode-se notar um percentual de aproximadamente 15% de desistências/transferências/abandonos.

---

BIBLIOGRAFIA:

- AUTHIER-REVUZ, J. (1982). "Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours". *DRLAV-Revue de Linguistique*, 26, p.91-151.
- FREIRE, P. (1982) *A importância do ato de ler*. SP, Autores Associados e Cortez Editora.
- GERALDI, J.W. (1981) "Subsídios metodológicos para o ensino de língua portuguesa (5a. a 8a. série)". *Cadernos FIDENE*, nº 18, 70 p.
- . (1983) "Prática da leitura de textos na escola". Trabalho apresentado no II Encontro Anual da APLL/RS, 29/9 a 1/10/83. (a sair em *Leitura: Teoria e Prática*)
- LAJOLO, M. (1982). *O que é literatura*. SP, Brasiliense.
- ORLANDI, E. (1983) "A produção da leitura e suas condições" *Leitura: Teoria e Prática*, Ano 2, nº 1, abril 1983, p.20-25.
- RAMOS, G. (1981). *Infância*. 17a. edição, Rio, Record, 1981.
- ROVENTA-FRUMUSANI, D. (1982) "L'argumentation en tant qu'action". *Revue Roumaine de Linguistique*, XXVII, 5, p.457-462.

ANEXO - LISTAGEM DAS OBRAS EM USO - Setembro/1983

<u>Autor</u>	<u>Título</u>
1. A. Fraga Levina	1. A Serra dos Dois Meninos
2. A.S. Maxwell	2. O Mistério da Caverna
3. Agatha Christie	3. A Morte no Nilo
	4. Depois do Funeral
	5. Uma Dose Mortal
4. Amando Fontes	6. Os Corumbas
5. Ana Maria Machado	7. Do Outro Lado Tem Segredo
	8. História Meio ao Contrário
	9. Praga de Unicórnio
6. André Carvalho	10. Menino Preso na Gaiola
7. Ary Quintela	11. Cão Vivo, Leão Morto
8. Assis Brasil	12. Meu Primeiro Amor
9. Bernardo Guimarães	13. A Escrava Isaura
	14. O Garimpeiro
10. Camilla C. César	15. Tonzeca, o Calhambeque
11. Carlos de Marigny	16. Detetives por Acaso
12. Cecília Meirelles	17. Olhinhos de Gato
13. Clarice Lispector	18. A Mulher que Matou os Peixes
14. Cristina Porto/Michele	19. Se... Será, Serafina
	20. O Dicionário de Serafina
15. Cristovão Tezza	21. Gran Circus das Américas
16. Deonísio da Silva	22. Os Segredos do Baú
	23. A Mulher Silenciosa
17. Dinah S. de Queiroz	24. Floradas na Serra
18. Domingos Pellegrini	25. A Árvore que Dava Dinheiro
	26. O Primeiro Canto do Galo
19. Edy Lima	27. A Vaca Voadora
20. Edson Gabriel Garcia	28. Histórias do País dos Aessos
21. Eleonor Porter	29. Polyanna Menina
	30. Polyanna Moça
22. Eliane E. Ganen	31. A Fada Desencantada
23. Elias José	32. Jogo Duro
24. Érico Veríssimo	33. Música ao Longe
	34. Olhai os Lírios do Campo
	35. Ana Terra
	36. Um Certo Capitão Rodrigo
25. Euclides M. Andrade	37. Este Menino Cabe na Cidade

- |                                |  |
|--------------------------------|--|
| 26. Fernanda L. de Almeida     | 38. A Fada que Tinha Idéias              |
| 27. Francisco Marins           | 39. Nas Terras do Rei Café               |
|                                | 40. Os Segredos de Taquarapoca           |
|                                | 41. A Expedição                          |
| 28. Ganymedes José             | 42. Viagem ao Mundo Desconhecido         |
|                                | 43. Quando Florescem os Ipês             |
|                                | 44. Guerra no Rio                        |
|                                | 45. Pai-de-Todos                         |
| 29. Ganymedes José/Stella Carr | 46. A Morte tem Sete Herdeiros           |
| 30. Giselda L. Nicoletis       | 47. Um Dono para Buscapê                 |
|                                | 48. O Vale das Vertentes                 |
| 31. Graciliano Ramos           | 49. Vidas Secas                          |
|                                | 50. A Terra dos Meninos Pelados          |
| 32. Graziella L. Monteiro      | 51. O Diário de Abner                    |
| 33. Henry Correia de Araújo    | 52. Pivete                               |
|                                | 53. E se Mamãe não Voltar para Casa      |
| 34. Herberto Sales             | 54. O Sobradinho dos Pardais             |
| 35. Homero Homem               | 55. Cabra das Rocas                      |
|                                | 56. O Menino de Asas                     |
| 36. Ignácio Loyola Brandão     | 57. Cães Danados                         |
| 37. Isa Silveira Leal          | 58. Sem Cachimbo nem Bonê                |
|                                | 59. Glorinha                             |
| 38. Isabel F.L. Ferreira       | 60. O Menino que Tinha um Furo na Cabeça |
| 39. Ivan Claret                | 61. A Mão que Semeia                     |
| 40. Jair Vitória               | 62. Zezinho, o Dono da Porquinha Preta   |
| 41. João Ubaldo Ribeiro        | 63. Sargento Getúlio                     |
| 42. Joaquim Manoel de Macedo   | 64. A Moreninha                          |
|                                | 65. A Luneta Mágica                      |
|                                | 66. O Moço Loiro                         |
| 43. Joel Rufino dos Santos     | 67. O Soldado que não Era                |
| 44. Jorge Amado                | 68. Gabriela, Cravo e Canela             |
|                                | 69. Capitães de Areia                    |
| 45. José de Alencar            | 70. Sonhos d'Ouro                        |
|                                | 71. Lucíola                              |
|                                | 72. O Gaúcho                             |
|                                | 73. Ubirajara                            |
|                                | 74. O Tronco do Ipê                      |
|                                | 75. Til                                  |
|                                | 76. Senhora                              |
|                                | 77. Diva                                 |
|                                | 78. Iracema                              |

- |                                  |  |
|----------------------------------|--|
| 46. José Lins do Rego            | 79. Fogo Morto                           |
|                                  | 80. Menino de Engenho                    |
|                                  | 81. Doidinho                             |
| 47. José Mauro de Vasconcelos    | 82. Meu Pé de Laranja Lima               |
|                                  | 83. Rosinha Minha Canoa                  |
|                                  | 84. O Veleiro de Cristal                 |
|                                  | 85. O Palácio Japonês                    |
|                                  | 86. Doidão                               |
| 48. José Maria Monteiro          | 87. A Guerra das Formigas                |
| 49. José Rezende Filho           | 88. Tônico                               |
| 50. José R. Filho e Assis Brasil | 89. Tônico e Carneça                     |
| 51. Josué Guimarães              | 90. A Casa das Quatro Luas               |
|                                  | 91. É Tarde para Saber                   |
| 52. Lima Barreto                 | 92. O Triste Fim de Policarpo Quaresma   |
| 53. Lúcia M. de Almeida          | 93. O Escaravelho do Diabo               |
|                                  | 94. Spharion                             |
|                                  | 95. Aventuras de Xisto                   |
|                                  | 96. O Caso da Borboleta Atíria           |
|                                  | 97. Xisto no Espaço                      |
| 54. Luíís Jardim                 | 98. Proezas do Menino Jesus              |
| 55. Luiz Fernando Emediato       | 99. O Outro Lado do Paraíso              |
|                                  | 100. Eu vi Mamãe Nascer                  |
| 56. Luiz Gonzaga Fleury          | 101. O Palácio de Cristal                |
| 57. Lucília J. Almeida           | 102. De Sol a Sol                        |
|                                  | 103. O Balão Amarelo                     |
|                                  | 104. A Terra é Azul                      |
|                                  | 105. Quando Beto fez 7 Anos              |
|                                  | 106. Presente do Céu                     |
|                                  | 107. Uma Rua como Aquela                 |
| 58. Lucília J. Almeida Prado     | 108. Depois do Aquaceiro                 |
| 59. Lygia B. Nenes               | 109. Os Colegas                          |
|                                  | 110. O Sofá Estampado                    |
| 60. Machado de Assis             | 111. A Mão e a Luva                      |
| 61. Manoel A. de Almeida         | 112. Memórias de um Sargento de Milícias |
| 62. Marcelo Paiva                | 113. Feliz Ano Velho                     |
| 63. Marco A. Carvalho/A. Suzuki  | 114. A História do Lobro                 |
| 64. Marcos Rey                   | 115. O Rapto do Garoto de Ouro           |
|                                  | 116. O Mistério do Cinco Estrelas        |
|                                  | 117. Um Cadáver Ouve Rádio               |
| 65. Margarida Ottoni             | 118. Mariana do Morro                    |
| 66. Maria do Carmo Vieira        | 119. No País dos Anões                   |
| 67. Maria Heloísa Penteado       | 120. Quimquim Labareda                   |

67. Maria Heloísa Penteado  
68. Maria José Duprê
69. Marta A. Pannúzio  
70. Marta M. Rezende Martins  
71. Mark Twain  
72. Maurice Druon  
73. Mery Weiss  
74. Monteiro Lobato
75. Odete de Barros Mott
76. Odylo Costa Filho  
77. Ofélia e Narbal Fontes
78. Orígenes Lessa
79. Paulo Setúbal  
80. Pedro Bloch
81. Rachel de Queirós
82. Sérgio Caparelli  
83. Stella Carr
121. No Reino Perdido do Beleléu  
122. O Cachorrinho Samba  
123. O Cachorrinho Samba na Floresta  
124. O Cachorrinho Samba na Fazenda  
125. A Montanha Encantada  
126. A Ilha Perdida  
127. A Mina de Ouro  
128. Éramos Seis  
129. Veludinho  
130. Pingo de Luz  
131. As Aventuras de Tom Sawyer  
132. O Menino do Dedo Verde  
133. O Bonê que não Largava o Pê  
134. O Poço do Visconde  
135. Trabalhos de Hércules  
136. A Chave do Tamanho  
137. Viagem ao Céu  
138. O Picapau Amarelo  
139. Hans Staden  
140. A Reforma da Natureza  
141. Vinda com a Neve  
142. O Mistério do Escudo de Ouro  
143. O Clube dos Bacanas  
144. A Caminho do Sul  
145. O Caso da Boneca  
146. Justino, o Retirante  
147. A Foca e o Rio  
148. Coração de Onça  
149. O Gigante de Botas  
150. Cem Noites Tapuias  
151. Madrugada  
152. É Conversando que as Coisas se Entendem  
153. O Príncipe de Nassau  
154. Pai, me Compre um Amigo  
155. Dito, o Negrinho da Flauta  
156. O Menino Mágico  
157. As Três Marias  
158. O Quinze  
159. Os Meninos da Rua da Praia  
160. O Fantástico Homem do Metrô  
161. O Caso da Estranha Fotografia  
162. O Incrível Roubo da Loteca

- |                                     |  |
|-------------------------------------|--|
| 83. Stella Carr                     | 163. O Enigma do Autódromo de Interlagos |
| 84. Suzana D. Beck                  | 164. Fugindo de Casa                     |
| 85. Sylvio Pereira                  | 165. A Primeira Reportagem               |
| 86. Teresinha Alvarenga             | 166. Rita, Está Aceso                    |
| 87. Teresa Noronha                  | 167. As 7 Cidades do Arco-Íris           |
|                                     | 168. O Mistério do Poço das Hortências   |
|                                     | 169. A Porta da Aventura                 |
|                                     | 170. O Segredo de Tucuma                 |
|                                     | 171. Férias em Xangri-lã                 |
| 88. Vicente Guimarães, Vovô Felício | 172. O Tesouro da Montanha               |
|                                     | 173. 15 Minutos de Poder                 |
|                                     | 174. As Aves                             |
| 89. Vivina de Assis                 | 175. O Dia de Ver Meu Pai                |
| 90. Wander Piroli                   | 176. O Menino e o Pinto do Menino        |
|                                     | 177. Macacos me Mordam                   |
|                                     | 178. Os Rios Morrem de Sede              |
| 91. Ziraldo                         | 179. O Menino Maluquinho                 |